



## PAISAGEM E DESIGUALDADES SOCIOESPACIAIS: possibilidades de leitura crítica no ensino de Geografia a partir das experiências do PIBID

### LANDSCAPE AND SOCIO-SPATIAL INEQUALITIES: Possibilitais for Critica Reading in Geography Teaching Based on PIBID Experiences

SILVA, Maria <sup>1</sup>  
NOBRE, Rayssa <sup>2</sup>  
SANTOS, Maria <sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo analisar como o ensino de Geografia, a partir da abordagem do conceito de paisagem, contribui para o desenvolvimento da consciência crítica dos estudantes acerca das desigualdades socioespaciais. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de caráter bibliográfico, descritivo e interpretativo, configurando-se também como um relato de experiência desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). As atividades foram realizadas em uma turma do ensino fundamental II de uma escola pública, por meio de observações em sala, aplicação de atividades didáticas e utilização de recursos visuais. Os resultados evidenciaram que, inicialmente, os estudantes compreendiam a paisagem de forma superficial, associando-a apenas a aspectos estéticos. No entanto, a partir das intervenções pedagógicas, passaram a reconhecer o espaço vivido como paisagem e a identificar desigualdades socioespaciais presentes em seu cotidiano. Conclui-se que o trabalho com a paisagem, aliado a metodologias que valorizam a realidade dos alunos, contribui significativamente para a formação de sujeitos críticos, capazes de interpretar e questionar o espaço geográfico em que estão inseridos.

**PALAVRAS-CHAVE:** ensino de geografia; paisagem; consciência crítica; desigualdades socioespaciais; práticas pedagógicas

#### Abstract

This article aims to analyze how the teaching of Geography, based on the concept of landscape, contributes to the development of students' critical awareness regarding socio-spatial inequalities. The research is characterized as qualitative, with a bibliographic, descriptive, and interpretative approach, also constituting an experience report developed within the scope of the Institutional Program for Teaching Initiation Scholarships (PIBID). The activities were carried out with a lower secondary education class in a public school, through classroom observations, application of didactic activities, and the use of visual resources.

The results showed that, initially, students understood landscape in a superficial way, associating it only with aesthetic aspects. However, after the pedagogical interventions, they began to recognize the lived space as landscape and to identify socio-spatial inequalities present in their daily lives.

<sup>1</sup> Graduanda em Licenciatura em Geografia, Bolsista PIBID, Universidade Estadual de Alagoas, *Campus I*, aparecida.silva.2024@alunos.uneal.edu.br

<sup>2</sup> Graduanda em Licenciatura em Geografia, Bolsista PIBID, Universidade Estadual de Alagoas, *Campus I*, rayssa.nobre.2024@alunos.uneal.edu.br

<sup>3</sup> Graduanda em Licenciatura em Geografia, Bolsista PIBID, Universidade Estadual de Alagoas, *Campus I*, graziely.santos.2024@alunos.uneal.edu.br



It is concluded that working with the concept of landscape, combined with methodologies that value students' realities, significantly contributes to the formation of critical individuals capable of interpreting and questioning the geographical space in which they are inserted.

**Keywords:** geography Teaching; Landscape; Socio-spatial Inequalities; PIBID; Critical Awareness.

## 1. INTRODUÇÃO

A Geografia, enquanto disciplina científica e escolar, possui um papel crucial na formação da sociedade e da cidadania, assim como na organização do espaço geográfico. Nessa perspectiva, seu ensino não se limita a conceitos básicos, como a leitura cartográfica ou a compreensão das dinâmicas espaciais, mas busca promover o desenvolvimento da capacidade de análise crítica das relações sociais, econômicas e culturais. Dessa forma, torna-se essencial que os indivíduos compreendam a realidade do espaço em que estão inseridos, reconhecendo as desigualdades socioespaciais e os processos históricos que as produzem e que ainda se fazem presentes no cenário atual.

Nesse sentido, conforme defende Paulo Freire (1989), a educação deve estar voltada para a compreensão do mundo, permitindo aos sujeitos “lerem o mundo” para além da simples memorização de conteúdo. Assim, a Geografia consolida-se como um campo fundamental para a construção da cidadania e da consciência crítica, possibilitando a identificação das desigualdades presentes até mesmo nas paisagens mais comuns.

De acordo com o geógrafo David Harvey (2003), as desigualdades socioespaciais devem ser analisadas de forma crítica, pois estão diretamente relacionadas ao modo de organização do sistema capitalista, que produz e intensifica contrastes entre diferentes territórios. Nesse contexto, compreender tais desigualdades implica considerar a relação entre espaço e tempo, uma vez que os processos históricos influenciam na forma como o espaço é produzido na contemporaneidade. Dessa maneira, essas desigualdades podem ser observadas no cotidiano, manifestando-se nas diferenças entre áreas urbanas e rurais, na distribuição desigual de renda, no acesso limitado a serviços básicos, como saneamento e alimentação, além das disparidades na infraestrutura e na qualidade de vida da população.

A partir dessa perspectiva, o conceito de paisagem torna-se fundamental para a análise geográfica das desigualdades socioespaciais. Conforme afirma Milton Santos, a paisagem corresponde ao conjunto de formas que expressam as heranças resultantes das sucessivas transformações do espaço. Assim, compreende-se que a paisagem não se limita apenas ao que é visível, mas engloba diferentes dimensões sensoriais e sociais, sendo resultado da interação entre natureza e sociedade. Desse modo, por meio da observação da paisagem, é possível identificar desigualdades presentes no cotidiano, evidenciadas nas relações de poder, na infraestrutura desigual e no acesso irregular a serviços básicos.

Diante dessas discussões, a experiência no âmbito escolar proporcionada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) mostrou-se



fundamental para a articulação entre teoria e prática. Nesse contexto, percebe-se que a análise de conceitos teóricos difere significativamente da vivência em sala de aula, onde se evidencia a realidade da compreensão dos conteúdos pelos estudantes. Durante essa experiência, foi possível identificar que muitos alunos apresentam dificuldades em compreender o conceito de paisagem e suas diferentes formas de manifestação, bem como em reconhecer as desigualdades socioespaciais presentes no cotidiano em que estão inseridos. Diante disso, tornou-se necessário o uso de recursos metodológicos que facilitassem a compreensão do espaço vivido. Assim, o PIBID se configura como um importante instrumento na formação docente, ao aproximar o licenciando de seu campo de atuação e possibilitar reflexões sobre práticas pedagógicas que contribuam para o desenvolvimento de uma leitura crítica da realidade.

Diante do exposto, surge a seguinte problemática: de que maneira o ensino de Geografia pode contribuir para a compreensão do conceito de paisagem e das desigualdades socioespaciais no contexto escolar, considerando as dificuldades apresentadas pelos estudantes na leitura crítica da realidade?

Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo analisar como o ensino de Geografia, por meio da abordagem do conceito de paisagem, contribui para o desenvolvimento da consciência crítica dos estudantes acerca das desigualdades socioespaciais, a partir das experiências vivenciadas no âmbito do PIBID.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 O ensino de Geografia e a formação da consciência crítica

O ensino de Geografia desempenha um papel fundamental na formação de sujeitos críticos, capazes de compreender e interpretar as dinâmicas do espaço geográfico. Nessa perspectiva, a educação deve ultrapassar a mera transmissão de conteúdos, promovendo a reflexão sobre a realidade vivida pelos estudantes. Conforme destaca Paulo Freire, a educação deve possibilitar aos indivíduos a leitura crítica do mundo, permitindo que compreendam as relações sociais que estruturam a sociedade.

De acordo com essa concepção, o processo educativo deve estar vinculado à realidade dos alunos, favorecendo a construção do conhecimento a partir de suas experiências cotidianas. Assim, o ensino de Geografia torna-se um instrumento essencial para a formação da cidadania, ao estimular a análise das desigualdades e das contradições presentes no espaço geográfico (FREIRE, 1989).

### 2.2 As desigualdades socioespaciais na perspectiva crítica

A análise das desigualdades socioespaciais é um dos principais eixos da Geografia crítica, especialmente ao considerar as relações entre espaço e sociedade. Nesse sentido, David Harvey destaca que o espaço geográfico é produzido a partir das dinâmicas do sistema capitalista, o que resulta em profundas desigualdades entre diferentes territórios.



Segundo essa abordagem, o capitalismo promove a concentração de renda, de infraestrutura e de oportunidades em determinadas áreas, enquanto outras permanecem marginalizadas. Dessa forma, as desigualdades socioespaciais manifestam-se por meio de contrastes visíveis no cotidiano, como diferenças no acesso a serviços básicos, habitação, mobilidade urbana e qualidade de vida (HARVEY, 2003).

Além disso, a compreensão dessas desigualdades exige a análise histórica dos processos de produção do espaço, uma vez que as transformações ocorridas ao longo do tempo influenciam diretamente a organização espacial contemporânea.

### 2.3 O conceito de paisagem na análise geográfica

O conceito de paisagem constitui um dos fundamentos da análise geográfica, sendo essencial para a compreensão das transformações do espaço. De acordo com Milton Santos, a paisagem pode ser entendida como o conjunto de formas resultantes das sucessivas ações humanas e naturais ao longo do tempo.

Complementando essa definição, Santos (1988, p. 21) em *Metamorfoses do Espaço Habitado* reforça que a paisagem é “um conjunto de formas heterogêneas, de idades diferentes, heranças de tempos sucessivos”. Essa característica de “depósito de tempos” permite que o olhar geográfico identifique, em uma mesma rua, construções modernas e carências históricas, tornando a paisagem um testemunho material das desigualdades

Nessa perspectiva, a paisagem não se restringe ao aspecto visível, mas incorpora elementos sociais, culturais e históricos, refletindo as relações estabelecidas entre sociedade e natureza. Assim, a observação da paisagem permite identificar marcas das desigualdades socioespaciais, evidenciadas na distribuição desigual de infraestrutura, serviços e condições de vida (SANTOS, 2006).

Dessa forma, a paisagem torna-se um importante instrumento de análise no ensino de Geografia, pois possibilita aos estudantes relacionarem os conteúdos teóricos com a realidade em que estão inseridos.

## 3. METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de caráter bibliográfico, configurando-se também como um relato de experiência a partir das vivências no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Nesse sentido, o estudo foi desenvolvido com base em referenciais teóricos da Geografia crítica e da área da educação, com contribuições de autores como Milton Santos, David Harvey e Paulo Freire, além de aportes das Ciências Sociais, especialmente no que se refere à compreensão das desigualdades socioespaciais e à análise da paisagem.

A pesquisa foi realizada em uma escola pública de ensino fundamental II, localizada na zona urbana do município de Arapiraca – AL. As atividades foram desenvolvidas no âmbito do PIBID, especificamente com alunos do 6º ano, com faixa etária entre 11 e 12 anos, inseridos em contextos sociais semelhantes, aspecto



evidenciado por meio da participação dos estudantes nas atividades propostas. Essas ações possibilitaram a articulação entre teoria e prática no contexto escolar, sendo essa relação fundamental para o desenvolvimento da pesquisa, uma vez que os dados obtidos apenas por meio da fundamentação teórica não seriam suficientes para sua consolidação. Além disso, a vivência prática permitiu observar, na realidade escolar, elementos discutidos no referencial teórico.

A partir dessa experiência, buscou-se compreender como os alunos percebem e interpretam as desigualdades socioespaciais presentes em seu cotidiano.

Quanto aos procedimentos metodológicos, foram realizadas observações em sala de aula, aplicação de atividades didáticas e utilização de recursos visuais, como a análise de imagens de diferentes paisagens, produção de textos interpretativos e discussões sobre o espaço vivido pelos alunos, com o objetivo de facilitar a compreensão do conceito de paisagem e sua relação com as desigualdades socioespaciais.

A utilização de recursos visuais fundamentou-se na premissa de que a paisagem é o “domínio do visível”, o dado imediato da percepção (SANTOS, 1988). Assim, buscou-se conduzir os alunos a superar uma visão puramente estética da imagem, possibilitando a compreensão das transformações pelas quais o espaço passou até alcançar sua configuração atual. Essas estratégias permitiram identificar as principais dificuldades dos estudantes, bem como avaliar o nível de compreensão dos conteúdos trabalhados.

Os dados foram registrados por meio de anotações e da análise das produções dos alunos. A análise ocorreu de forma qualitativa, por meio de uma abordagem interpretativa, considerando as respostas e interações dos estudantes durante as atividades propostas, à luz dos referenciais teóricos adotados.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das experiências desenvolvidas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), foi possível observar como o conceito de paisagem, interligado às desigualdades socioespaciais, contribuiu para o desenvolvimento do entendimento crítico dos estudantes sobre esse tema. Nesse sentido, Milton Santos (2006) afirma que o espaço geográfico é produzido pelas relações sociais, sendo marcado pela distribuição desigual de recursos e infraestrutura, o que pode ser observado na paisagem.

Com a aplicação das metodologias em sala de aula, verificou-se que os estudantes viam a paisagem de forma superficial. Eles a associavam apenas ao que era bonito e visualmente organizado. Por isso, muitos não consideravam o lugar onde moram como paisagem, descrevendo-o apenas como um espaço com casas e ruas, sem nada que chamasse a atenção.

Também foi possível perceber a dificuldade na compreensão das desigualdades socioespaciais, uma vez que os alunos não identificavam essa questão no próprio local onde residem. Esse resultado evidencia que, ao não reconhecerem seu espaço como paisagem, torna-se mais difícil perceber a distribuição desigual de recursos no território. Essa dificuldade de percepção por parte dos alunos revela o que Santos (1988) define como a alienação do espaço habitado: quando o indivíduo não reconhece as formas ao seu redor como resultado de ações sociais. Ao passarem a



identificar o saneamento básico e a infraestrutura como elementos da paisagem, os alunos realizaram a leitura das “metamorfoses” do seu lugar, percebendo que a ausência de recursos é uma forma de produção do espaço que gera exclusão.

Diante disso, foram organizadas atividades que chamassem a atenção dos estudantes para o conteúdo. Foram utilizados recursos visuais, como slides com imagens de diferentes tipos de paisagens, variando entre natural e urbana. A proposta era que eles diferenciassem, comparassem e identificassem os elementos presentes em cada uma.

Durante o diálogo em sala, os alunos foram incentivados a observar o que uma paisagem tinha e o que a outra não possuía, refletindo se essas diferenças estavam relacionadas às desigualdades socioespaciais. Para reforçar, também foram aplicadas atividades impressas com imagens e perguntas, buscando compreender o que os estudantes estavam assimilando ao longo das aulas.

Com o decorrer das atividades, foi possível observar uma mudança significativa. Os alunos passaram a analisar o local onde moram como paisagem e começaram a identificar a presença de desigualdades socioespaciais. Muitos destacaram questões relacionadas à infraestrutura, como saneamento básico e serviços públicos, comparando seu local de vivência com outros. Essa percepção dos estudantes remete à tese de Santos (1993) em A Urbanização Brasileira, de que o crescimento das cidades no país ocorreu de forma seletiva e corporativa. Ao notarem que certos serviços “faltam” em seus bairros, mas “sobram” em outros, os alunos identificam na paisagem o que o autor define como a coexistência de diferentes circuitos da economia urbana, onde a modernidade e a precariedade são faces da mesma moeda.

Com isso, pode-se destacar que as metodologias aplicadas favoreceram a valorização do lugar onde vivem e o desenvolvimento de um olhar mais crítico. Os estudantes passaram a observar não apenas o que existe no espaço, mas também as limitações e carências presentes nele.

A principal dificuldade encontrada nesse processo foi a interação. No início, os alunos não se expressavam muito, possivelmente por vergonha ou insegurança. No entanto, ao longo das aulas, foram sendo estimulados ao diálogo, até se sentirem mais à vontade para participar.

Dessa forma, as experiências no PIBID demonstram que o trabalho com a paisagem, aliado à problematização das desigualdades socioespaciais, contribui para a formação de sujeitos mais críticos, aproximando o conteúdo escolar da realidade dos estudantes e favorecendo a compreensão do espaço geográfico em que vivem, bem como da realidade social da qual fazem parte.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências vivenciadas no âmbito do PIBID permitiram compreender que o ensino de Geografia, quando articulado a categorias de análise como a paisagem, transita de uma disciplina puramente descritiva para uma ferramenta de emancipação social. A problemática central deste estudo (as dificuldades dos alunos em realizar uma leitura crítica da realidade) foi sendo superada à medida que teoria e prática se encontraram no contexto escolar, possibilitando a articulação entre o conhecimento teórico e as vivências dos estudantes. Ficou evidente que a visão inicial dos estudantes, restrita a uma concepção estética e “bela” da paisagem, é um



reflexo de uma educação geográfica que, por vezes, ignora as metamorfoses do espaço habitado (SANTOS, 1988).

Diante disso, a utilização de metodologias que ampliam a compreensão dos estudantes mostrou – se fundamental. O uso de recursos visuais e o diálogo freiriano, foi possível desconstruir essa visão superficial, permitindo que os alunos desenvolvessem uma análise mais crítica. Nesse processo, deixaram de ser apenas observadores passivos para se tornarem sujeitos capazes de interpretar o espaço, identificando que a ausência de infraestrutura e o acesso desigual a serviços não são frutos do acaso, mas sim marcas da urbanização seletiva (SANTOS, 1993) e da lógica do sistema capitalista (HARVEY, 1992).

Assim, ensinar paisagem e desigualdades socioespaciais é uma forma de preparar o aluno para a sociedade, pois, a partir do momento em que observa o espaço geográfico de forma crítica, o indivíduo passa a compreender o quanto se relaciona com os elementos daquele lugar, despertando até o interesse de fazer parte do grupo que pode mudar um local e transformá-lo em algo melhor, contribuindo com a sociedade e o ambiente.

Portanto, o conceito de paisagem revelou-se um excelente operador didático. Ele serviu como a ponte necessária para que o aluno pudesse "ler o mundo" antes de ler as palavras, conforme propõe Freire. A identificação das desigualdades socioespaciais no próprio bairro fortaleceu o sentimento de pertencimento e, ao mesmo tempo, despertou o senso crítico sobre o direito à cidade e à cidadania plena, despertando nos alunos o interesse de analisar as paisagens não só em seu território, mas também em diversos locais. Com isso, podem levar o que foi aprendido para outros lugares, analisando as desigualdades socioespaciais e apresentando sua visão crítica.

Por fim, para a formação docente, o PIBID mostrou-se essencial. A experiência reafirmou que o papel do professor de Geografia vai além da transmissão de conteúdos, sendo responsável por estimular a reflexão e a compreensão crítica do espaço geográfico. Dessa forma, o ensino de uma Geografia crítica se consolida como um instrumento fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e consciente de suas desigualdades.

## 6. AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) pela oportunidade de vivência na formação docente, bem como à escola parceira e aos estudantes que contribuíram para o desenvolvimento desta experiência.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna:** uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

HARVEY, David. **A justiça social e a cidade.** São Paulo: Hucitec, 2003.



SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira.** São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos.** São Paulo: Hucitec, 1988.